

O CAMINHAR EM BUSCA DO CONHECIMENTO – A História da luta diária dos estudantes advindo da área rural Jaraguense.

Irma Lopes dos Santos Soares¹

¹ Pós Graduada em Língua Portuguesa, possui Graduação em Pedagogia e História. Funcionária Pública administrativo na coordenação do curso de pedagogia UEG- UnU de Jaraguá, e Professora na Rede Municipal de Ensino.

TRANSPORTE ESCOLAR: ACESSO À EDUCAÇÃO E INCLUSÃO Social.

Este artigo procurou enfatizar a História dos alunos que estudam na cidade de Jaraguá e residem na área Rural Jaraguense, com o objetivo de conhecer um pouco da realidade dessas Crianças e Adolescentes, que os pais permaneceram no Campo, entretanto preocupa com os estudos de seus filhos, fazendo uma pesquisa nos locais de ponto dos ônibus, conversando com seus pais e professores e os acompanhando nessa jornada diária, dessa forma podendo comparar o ensino aprendizagem dessas Crianças e Adolescentes em relação as demais.

O direito à educação é um direito prioritário, mas não é um direito a uma educação qualquer. É direito a uma educação com qualidade, é garantido na Constituição Federal (1988) a todos os brasileiros e dever do estado e da sociedade garantir o cumprimento desse direito.

Devido a uma grande quantidade de crianças e adolescentes que moram na área rural e freqüentam as escolas do ensino básico na cidade de Jaraguá e que precisam do transporte escolar para chegar sua receptivas às escolas.

Apud Teixeira (1972 Pág. 58) Piaget as capacidades do sujeito não estão definidas à partida mas vão ou não sendo atualizadas no seu desenvolvimento.

O que se pretende, portanto é garantir a eles um ensino de qualidade, apostando numa escola capaz de dar respostas as necessidades educativas dos diversos alunos independente de onde quer que eles vivam. Os ideais de democracia e de justiça social que marcam grande parte das sociedades atuais exigem uma educação e o ensino como de direito e um privilegio, não apenas de alguns, mas, simultaneamente como um direito e um dever de todos. (Benavente et al,1996) "escola de todos e para todos".

No entanto os alunos que dependem do transporte para chegar a escola enfrentam grandes dificuldades eles são transportados, por longas distancia e em horário impróprios chegam à escola cansada, com sono, e fome e ficam

sem concentração na sala de aula, prejudicando o aprendizado pois, são excluídas do Esporte da Cultura e Lazer oferecido aos alunos fazendo parte do calendário escolar e, a Educação Física Disciplina obrigatório Currículo Educacional e os alunos do transporte escolar não pode permanecer fora do horário restrito as aulas no período hora aula são excluída dessas atividades causando a eles diferenças de desempenho escolar.

Estudar é muito além de sala de aula as outras atividades feitas nos laboratório de informática nas bibliotecas, é um Direito assegurado pela Constituição Federal (Capítulo IV Do Direito à Educação à Cultura e ao Lazer,)

Art. 53 a criança e o adolescente têm direito á educação, Visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo Para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se lhes: Da Informação, Cultura, Lazer, Esporte, Diversões e Espetáculos.

Segundo Elizabete de Assunção (No Livro Problemas de Aprendizagem), é comum as pessoas registrarem o conceito de aprendizagem somente aos fenômenos de ensino. Entretanto, o termo tem sentido muito mais amplo, Essas crianças e adolescentes para chegar as escolas saem de suas casas muito sedo e andam cerca de dois quilômetros, enfrentando frio, fome e medo para chegar aos pontos de parada do transporte escolar, e chegarem em suas respectivas escolas já cansados e tem tendo que driblar o sono e a fome para assimilar o aprendizado da mesma forma que os demais alunos.

De acordo Com a nova LDB – Lei 9394/96. Estamos em novos tempos que provê a todos os alunos do ensino básico formação cultural e científica que possibilita o crescimento e a inclusão social.

O que se pretende, portanto, é mostrar a importância da escola do Ensino Básico mais próximo das residências assegurada no Estatuto da Criança e Adolescente para torná-las escola de inclusão social. Dados que comprovem a sua eficácia no sentido de contribuir para o Ensino Aprendizagem destes alunos nessa fase de ensino.

Entretanto, no campo educacional, perante numerosas leis, continuamos a enfrentar problemas seculares: evasão, analfabetismo, repetência, falta das mínimas condições de um ensino eficiente. Tudo leva a crer que o aspecto

quantitativo é o mais primado, enquanto o que precisamos pontuar é a qualidade. Diante pesquisa pudemos perceber que a educação está em constantes transformações, apesar de os assuntos quantidade supera a questão qualidade. Assim como a extensão das escolas para as regiões mais pobres nas periferias, no meio rural. Locais que a rede escolar disponível não tem condições de atender ou, até atendem, porém de maneira precária.

O que vem ocorrendo é um grande número de alunos matriculados no início do ano, e que não consegue completar o ano letivo, devido a situações que não são nada favoráveis ao alunado no qual propusemos analisar, e pudemos perceber, de ante-mão, o estreito horizonte culturais de quem reside no meio rural e luta pela educação pública básica comum gratuita de igual qualidade, independentemente de sexo, cor, idade, religião e filiação política, assim como de classe social ou local de residencial.

Segundo Saviani (2001), a educação não é sinônima de transferência de conhecimento pela simples razão de que não existe saber feito e acabado. O saber não é uma simples cópia ou descrição de uma realidade estática. A realidade deve ser decifrada e reinventada a cada momento, neste sentido a verdadeira educação é um ato dinâmico e permanente de conhecimento centrado na descoberta análise e transformação da realidade dos que vivem. É a escola o caminho possível para encontrar tais conhecimentos organizados e sistematizados, principalmente no mundo de hoje, onde o volume de informações e conhecimentos é cada vez maior, mas o que é importante, é que na escola o conhecimento vai se dar através de uma experiência coletiva. E é o coletivo que se abre para o homem a possibilidade de se formar a partir de princípios éticos fundamentais para a vida em sociedade. A educação básica torna-se, dentro do artigo 4º da LDB 9394/96. Um direito do cidadão à educação e um dever do Estado de tendê-lo mediante oferta qualificada.

Considerando que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96) assegura no art. 4º, VIII, o atendimento ao educando, no ensino fundamental público, por meio de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde; o objetivo do item 2.3/17 (Ensino Fundamental), do Plano Nacional de Educação (Lei nº 10.172/01) de prover de transporte escolar as zonas rurais, quando necessário,

com colaboração financeira da União, Estados e Municípios, de forma a garantir a escolarização dos alunos e o acesso à escola por parte do professor;

Com a justificativa de que o transporte escolar na política de educação para todos, com qualidade, responsabilidade constitucional da União dos Estados e dos Municípios, no regime de co-responsabilidade para a educação do povo brasileiro, nesse caso o alunado Jaraguense.

Um Longo Caminho até as Escolas.

Diante de um final de século de grandes avanços, na educação muitas são as expectativas para uma educação de qualidade. Estaria na Educação de qualidade os caminhos para sanar os problemas sociais atualmente ainda existentes em nosso país? Como tornar mais próximo, as escolas exigidas por lei, para todas as crianças onde quer que elas vivam?

Conforme a revista Nova Escola, todo dia 4,8 milhões de alunos dependem de ônibus e barcos mantidos pela rede pública para ir à escola, em todo o Brasil. (Nova Escola, abril de 2008, pág. 46). Eles utilizam o transporte escolar regularmente, o que faz com que o serviço oferecido pelas redes públicas apenas na zona Rural responde pelo maior gasto das Secretarias de Educação em 70% dos municípios brasileiros, e como anda e seguranças dos mesmos diante de tamanho investimento nem todos os municípios têm garantido as exigências do Fundo Nacional de Desenvolvimento nas adequações dos veículos. Não raro são os casos de acidente com o transporte escolar, muitas vezes vitimando os estudantes. Isso muitas vezes se deve à precariedade dos veículos.

Registros das Escolas Rurais no Município de Jaraguá.

Através do trabalho de pesquisa encontramos muitas escolas constituídas na área rural. Conforme termo de abertura dos registros de resultados finais das Escolas Municipais Rurais de Jaraguá em 1988, o município contava com 61 unidades escolares espalhadas por todas as regiões do município, muitas outras portas abertas funcionava como escola de poucos alunos sem registro em lugares distantes mais cômodos para professores,

moradores e eleitores da região e seu funcionamento não é diferente das demais espalhadas por todo Brasil.

Durante a pesquisa encontramos registro de termo de abertura feita em atas lavradas na secretaria da educação e cultura do município de Jaraguá de escolas municipais rurais no ano de 1988, funcionavam no município 61 escolas e, quase toda segue esse mesmo de precariedade. Hoje com seguimento ao transporte escolar esse número caiu bastante e as escolas que funcionam hoje têm padrão um pouco diferenciado.

A História do Transporte Escolar da Cidade de Jaraguá.

Para explicar como surgiu o transporte escolar da cidade de Jaraguá foi feita uma pesquisa na secretaria de educação do município e entrevista com ex usuário do transporte na década de 1990, pois muito antes dos primeiros ônibus os alunos eram transportados em camionete, segundo o motorista J.R. dono de um dos transportes.

Um fato marcante na memória da sociedade jaraguense, em relação a essa longa jornada rumo à educação, foi um grave acidente ocorrido no dia 03 de junho de 1996 no povoado de Artulândia (distrito de Jaraguá), que deixou uma lacuna enorme nos parentes das vítimas. Ao todo eram vinte e quatro pessoas, sendo que, **doze delas perderam a vida**. A discussão em torno do assunto a respeito de quem seria o culpado não foi o maior problema para os parentes e vítimas sobreviventes, mas sim, a discussão sobre o próprio destino que foi implacável.

Na tarde de uma segunda-feira por volta das 18h, o ônibus de propriedade da prefeitura de Jaraguá deixava o distrito de Artulândia trazendo nele as 24 pessoas, entre estudantes e dois caronistas. O motorista S.R.S. experiente no volante era o condutor que trazia a turma todos os dias para concluírem seus estudos na cidade de Jaraguá, percurso de 27km, e que durava cerca de 40 minutos para chegar ao destino.

O fato do transporte em si não é diferente de todos os municípios do Brasil, alguns com um transporte melhor e outros com deficiências que acabam comprometendo a segurança de milhões de estudantes. Evidente que este não

é o caso do fato narrado aqui, pois se trata de uma imprudência de outro condutor que estava vindo em direção contrária.

Boatos populares, dizem que um caminhão de transporte de gás, fazia a direção Goiânia - Goianésia, quando na altura da ponte do Rio das Almas em Jaraguá, os dois veículos se cruzaram. O motivo da colisão seria uma carroça que estava no acostamento e ocupava parte da pista, não tendo nenhuma possibilidade para o condutor do caminhão se desviar e acabou se chocando contra o ônibus, vitimando as (12) pessoas que usavam o transporte para caminhar em busca do saber.

Falar com as famílias das vítimas foi uma missão difícil, pois estávamos lidando com o sentimento dessas pessoas e por muitas vezes a entrevista tinha que ser interrompida por causa das lágrimas que se misturavam por causa das lembranças do fato. A repercussão do caso chegou nas principais emissoras de TVs de todo país como a Rede Globo de Televisão, onde vinculou a matéria em uma edição do Jornal Nacional. Passamos a alguns relatos dessa trajetória por parentes de algumas vítimas:

Costantina Tavares de Aquino—(Mãe) Leia Tavares de Aquino – (Filha e vítima fatal, 27 anos)

Minha filha, saiu de casa para entrar na sua última viagem para Jaraguá, todos os dias, eu e ela saía em direção “deste corredor”, para irmos à igreja evangélica fazer as orações, sempre estávamos juntas. No dia cruel que o destino nos reservou, 03 de junho de 1996, ela se despediu de mim enquanto eu saía para um açougue. Esta foi à última vez que a vi com vida, pois no dia seguinte ela chegaria em um caixão em minha casa.

Dona Costantina depois desse acontecimento revela que não tenho mais prazer em sorrir, e que quando o faz aparece o arrependimento, pois a dor da saudade no mesmo instante toma conta de seus sentimentos. Para ela a sua filha, era uma espécie de anjo, que sempre estava ao seu lado e em tudo que eu ia fazer.

Era seu último ano de Escola, ela havia deixado de estudar por um tempo mas retornou para fazer pedagogia e talvez até assumir uma sala de

aula. Com apenas 27 anos, a Léia era para a mãe uma companheira fiel, aplicada nos estudos e nas tarefas domésticas.

Quanto ao transporte de estudantes Dona Costantina acha importante, embora eu não gosto de ver a nova turma saindo daqui para Jaraguá, pois me vem à lembrança novamente os fatos, isso dói muito no coração de uma mãe.

Relato da sobrevivente Sirlei de Jesus Costa – (sobrevivente, 29 anos)

O acidente ocorrido no dia 03 de junho de 1996, me deixou muitas seqüelas, inclusive psicológicas afirma Sirlei de Jesus Costa, umas das vítimas sobreviventes do acidente. Na época do fatídico caso tinha na época 17 anos, em suas memórias ela relata que estava sentada na cadeira que era utilizada pelo cobrador, pois o ônibus era um antigo transporte coletivo. Uma cruzeta da cadeira que eu estava sentada, a deixou uma marca na perna em forma de um “três”,

Não sei se é ironia do destino, mas foi exatamente a data do dia do acidente. Naquele dia, eu só me lembro dos últimos instantes antes do acidente, ao cruzar a ponte do Rio das Almas, houve a colisão entre o caminhão e o ônibus, muitos botijões de gás entravam no veículo, neste momento eu apaguei, e só fui ver onde estava minutos depois no hospital. Muitos pensam que o motorista do ônibus, estava dirigindo irregular, mas é um engano, pois ele sempre foi um motorista responsável, com muita experiência em outros veículos de porte grande.

O seu depoimento na delegacia foi exatamente esse, ela disse que o motorista não corria, até porque o veículo não tinha força para isso. Neste dia, ela iria fazer uma prova de geografia. E que depois do fato, ela teve que mudar para Jaraguá para concluir seus estudos.

Sônia Cristina Pereira da Silva – (Sobrevivente, 32 anos).

Eu não me lembro de quase nada no dia do acidente, só fui acordar do desmaio no Hospital Municipal de Jaraguá, onde recebi os primeiros atendimentos e logo tive outros dois desmaios onde fui encaminhado para o Hugo – Hospital de Urgência de Goiânia em estado grave.

Tive lesão na coluna, clavícula, penas e bacia. Fiquei mais de um ano em cama, recebendo ajuda dos parentes para fazer coisas básicas. Tive que usar aparelhos ortopédicos por quase dois anos para reparar desvio na coluna, foi muito sofrimento.

Hoje, não posso pegar nenhum peso e meu advogado está movendo uma ação na justiça pra que eu me aposente por invalidez permanente. Dentre todas as vítimas, eu fui a que mais sofreu seqüelas permanentes. Agradeço muito meus professores que mandavam as matérias pra mim estudar em casa, para que eu não perdesse o ano letivo, eles foram muito bons pra mim, até que eu pudesse concluir o ensino médio.

Mãe da vítima Elenice Antônia de Sousa, 20 anos, dona Benedita Floriana de Sousa vai tecendo em suas memórias o cruel acontecimento:

Minha menina todo dia passava em casa antes de entrar no ônibus, sempre ela me perguntava se caso ela morresse se eu iria cuidar de seus filhos, parecia que ela estava prevendo que alguma coisa iria acontecer. Por muito tempo, ela foi estudar em Jaraguá grávida, esforçou muito para terminar os estudos, ela queria uma vida independente de seu marido, que é um policial militar e hoje vereador.

Sofri muito com sua morte, pois eu tinha muita dó dos filhos que ficou sem a mãe ainda sem conhecer ela. Acabei dando pra eles um apóio com a falta que eles sentiram, dou minha vida por eles. Faça tudo que eles gostam quando posso fazer.

Foi tão marcante esse acidente naquele povoado que moradores e parentes das vítimas, o irmão de uma das vítimas do acidente Izaias Sousa, escreveu uma crônica. Esta reflexão foi narrada na voz do locutor Edmar César na Rádio Vera Cruz de Goianésia, dias após o acontecimento com fundo musical onde todos moradores do entorno que estava com rádio ligado nessa hora derramou lágrimas.

Tudo começou no dia 03 de junho de 1996, o pequeno povoado de Artulândia estava para receber uma trágica notícia. Notícia que jamais esperávamos receber, mas recebemos de repente, sem trazer aviso, sem deixar explicação.

Há pouco mais de “quarenta minutos” de uma costumeira viagem, o ônibus saiu, e levava o sorriso dos parentes e amigos, mas deixava a esperança de revê-los no próximo amanhecer, manhã que para nós não veio, o sorriso de repente se apagou ao se chocar com o destino. Destino que aconteceu de forma brusca, cruel e sem chance de pedir socorro.

A única esperança que agora nos restam, é sabermos que os jovens estudantes se levantarão um dia para serem diplomados, não por uma academia, colégio ou qualquer outra instituição de ensino, mas sim, diplomados pelo maior de todos os mestres, que há de recompensar os lutadores com o diploma de Campeões de Honra ao Mérito, pois o idealismo

dos nobres lutadores ficou como exemplo de busca pela maior de todas as conquistas; a determinação e a coragem de lutar com a arma chamada educação.

Esse triste episódio esta bem vive na memória das vítimas e parentes da vítimas desse acidente. Mas para eles o transporte escolar é muito importante na região para as crianças poderem ir até a cidade estudar sem ser preciso seus pais deixar de ser moradores da área rural.

Como podemos percebemos nos relatos, puxados pela memória daqueles que foram vítimas direta ou indiretamente daquele horrível acidente, a necessidade o transporte escolar é ainda relevante, pois sem ele os jovens das áreas rurais do município estariam fadados a se conformar em concluir apenas a primeira fase do Ensino Fundamental que é oferecido nas escolas rurais. Com a ajuda do transporte escolar podem sonhar em ir além, buscar uma formação universitária e quem sabe assim, melhorar não apenas as suas vidas, mas de toda a comunidade em que vivem.

A DIFÍCIL TRAJETÓRIA DOS ALUNOS DAS ÁREAS RURAIS A CAMINHO DA ESCOLA: RELATOS E EXPERIÊNCIA.

Ainda está escuro na região de sucupira município de Jaraguá, e Talita Miguel Batista, 10 anos (5º ano), e seu irmão Mateus Miguel Batista, 13 anos (7º ano), é recolhido pelo transporte escolar contratado pela Prefeitura de Jaraguá para levar os 58 estudantes daquela região até suas respectivas escolas na cidade de Jaraguá.

A rotina dos dois irmãos é comum eles são os primeiros a entrar no transporte que circula pela região acolhendo os demais estudantes. Para o pai dessas crianças o Senhor Ivan Batista (37 anos), que levanta às quatro horas da manhã para conduzi-lo a motocicleta que os levam até o ponto do ônibus, pois, a fazenda do Alegrete onde eles moram fica a 10 KM retirado do ponto, para ele essa é a única forma de seus filhos poder freqüentar a escola pois o seu trabalho exige sua permanencia na fazenda. Essa é a realidade dos filhos de Dona Valdelice Peixoto dos Santos (34 anos) e dos filhos do Senhor Luiz Carlos de Almeida (26 anos). E de centenas das famílias que matem suas residências na área rural e matem seus filhos na escola.

Esse trajeto é feito arduamente, todos os dias. Enfrentando o frio, a escuridão, a poeira, esses jovens caminham até o seu destino. Ao chegarem às escolas, passam por uma longa jornada de aulas e atividades escolares. Ali estão entregues à responsabilidade dos seus professores.

Ao fim das aulas, muitos ainda enfrentam a espera por outros colegas que terminam as atividades em horários diferenciados. Isso prolonga a sensação de fome, cansaço e, apesar de tudo isso ainda precisam ajudar os pais na lida diária quando chegam a suas casas.

Diante dessa realidade, é possível primar pela qualidade da educação desses jovens? A realidade que vive não condiz com as necessidades que os alunos possuem para aprender, pois as atividades extra-sala são relegadas a um segundo plano.

Ao relacionar o rendimento escolar desses jovens com outros alunos que moram na cidade, constatamos que muitos possuem notas superiores. Mas é relevante o fato de que muitos professores não cobram as atividades extras desses alunos por morarem na área rural. Assim parece mesmo um jogo de “empurra-empurra” e, leva o professor a avaliá-los de forma diferenciada.

A nossa querida Jaraguá cidade histórica que se inicia com negros faiscadores garimpando as margens do Rio Vermelho, moldada no empreendedorismo dos Bandeirantes, viu o progresso quando a cidade tornou-se rota da BR-153 em sua margem. É também constituída de grande área da agricultura e Pecuária.

Torno-se Pólo de Industrial no ramo de confecção, e hoje caminha para mais um grande desenvolvimento com a passagem da Ferrovia Norte Sul que terá uma de suas plataforma aqui nesta cidade.

O que nos leva a crer que o progresso de uma cidade quando em franco desenvolvimento, desenvolva políticas públicas para a educação de qualidade que abarque tanto o aluno das áreas urbanas quanto das áreas rurais